

PLATAFORMA

RMSS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
Assunto	A FARJE	
Data	29/10/98	
Edição	Página	06
Assunto	Bairro	

Famílias de Plataforma querem a desapropriação de antiga fábrica

Fotos: Paulo Munhoz

Caso venha a se concretizar, a proposta de execução de um megaprojeto na área da antiga fábrica de Tecidos São Brás, no subúrbio ferroviário, incluindo transporte marítimo, turismo e lazer, vai estender até São Tomé de Paripe o projeto do corredor náutico, previsto para o trecho da orla, compreendido do Forte de Santa Maria, na Barra, até a Ribeira, numa extensão de 15 quilômetros, segundo foi anunciado recentemente pelo prefeito Antonio Imbassahy. O empreendimento vai mudar completamente a paisagem de Plataforma, mas não resolverá os problemas de centenas de famílias que residem no local e vivem sob constante ameaça de despejo, uma vez que os imóveis pertencem à família Catharino Gordilho.

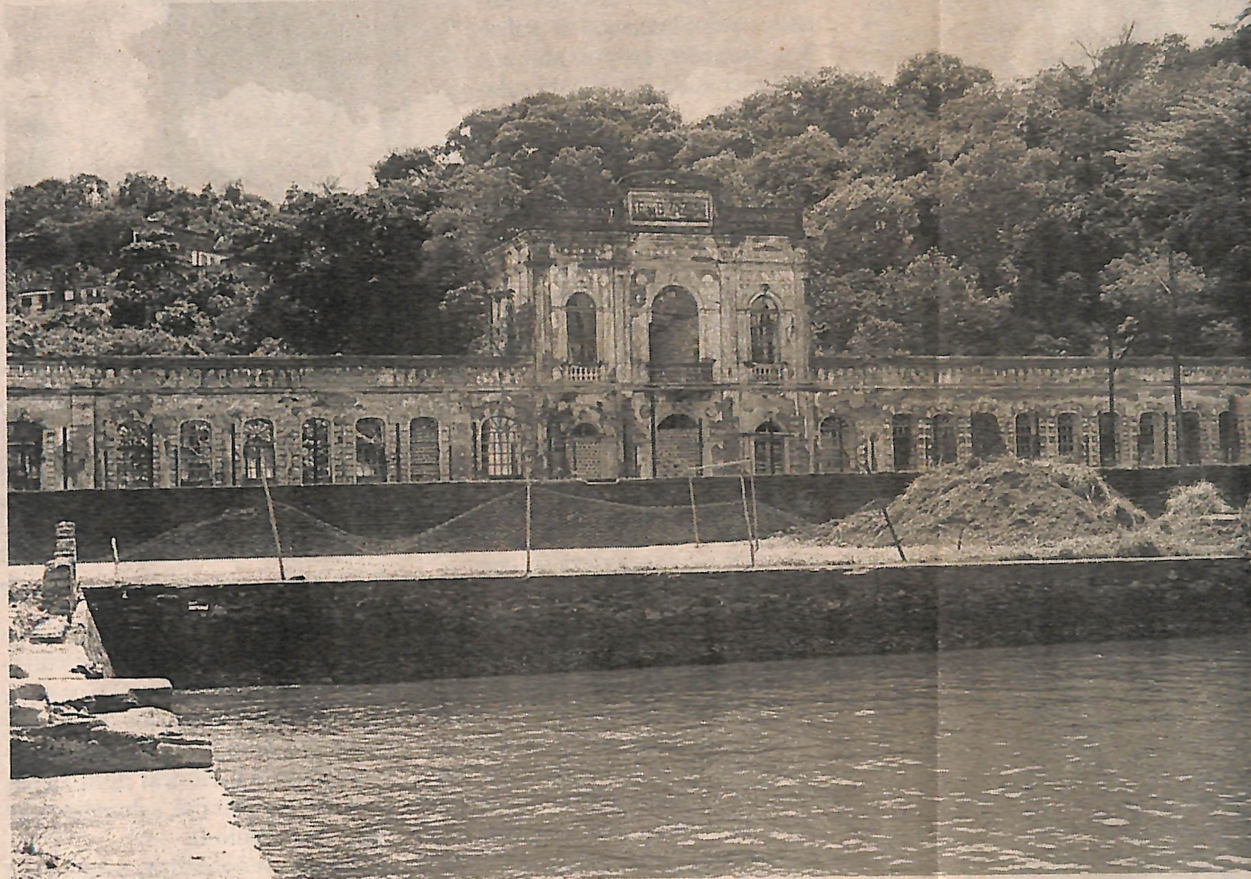
A diretora da Associação dos Moradores de Plataforma (Ampla), Joseane Santos da Cruz, assegura que desde a década de 80 que a população luta para que as antigas instalações da fábrica sejam desapropriadas pelo governo do estado, para abrigar uma escola de 2º grau e um centro cultural. Destaca que a diretoria da entidade entregou ao então governador Paulo Souto, em 1995, um documento contendo o pedido para a criação do Centro de Educação e Cultura Popular do Subúrbio Ferroviário, no prédio da fábrica, mas nunca obteve resposta.

O atual proprietário do prédio, adquirido da família Catharino Gordilho, o empresário Antônio Tarzan, está disposto a vender o imóvel, hoje quase em ruínas, ou então realizar um empreendimento náutico no local, com ancoradouro para 100 embarcações, hotel, bar, restaurante, com áreas para estaleiro e outros serviços, para o qual procura parceiros. Sua proposta é construir uma marina, aproveitando a parte do terreno junto ao mar, localizada defronte à Praia da Ribeira.

Litígio

Centenas de famílias que residem em Plataforma enfrentam, além dos problemas comuns aos demais moradores do subúrbio ferroviário, como precária infra-estrutura urbana, insegurança e um antigo litígio com a família Catharino Gordilho, a quem pertence a maioria das casas. A diretora da Ampla garante que cerca de 80% dos moradores do local são foreiros da família. "Quem não mora em casa, que é de propriedade da fábrica São Brás, tem seu imóvel construído sobre terreno pertencente a esta família", salienta.

Ela conta que a luta dos moradores de Plataforma vem desde a década de 70 e nunca foi encontrada uma solução para o problema. "As famílias que residem em Plataforma recebem, no máximo, um salário mínimo ou são subempregadas, sobrevivendo com muitas dificuldades. Minha família, por exemplo, que reside na Rua Mabaço de Baixo, deve R\$ 13 mil de foro à família Catharino Gordilho, débito que não podemos saldar. Num levantamento que a Ampla fez em vários cartórios não encontrou nenhum documento que provasse que ela é a legítima proprietária das terras de Plataforma", afirma.



O local onde fica a antiga fábrica de tecidos São Brás dará lugar a um ambicioso projeto náutico

Velhos empregados lamentam

Para os antigos empregados da Fábrica São Brás (Fatbrás), a primeira indústria de tecidos da Bahia, que chegou a ter 1.500 operários, restam agora somente as lembranças do tempo em que fardos de tecidos nobres como linho e seda eram produzidos em seus teares e que a produção era escoada por via férrea ou por barcaças.

Hormindo Souza, 89 anos, trabalhou na Fatbrás durante 35 anos, de 1924 a 1959. Ele começou a trabalhar aos 15 anos, como aprendiz de tecelões e se aposentou como contramestre de tecelagem. Reside há 68 anos numa casa na Rua Úrsula Catharino, pertencente à antiga fábrica e até hoje paga aluguel e teme ser despejado. "Quem já viu o que foi esta fábrica e vê o que é hoje, chora", diz, e aponta para o prédio quase em ruínas.

Agenor dos Anjos, 84 anos, trabalhou na Fatbrás de 1931 a 1972. Seu maior sonho era que a fábrica voltasse a funcionar para garantir emprego para seus netos. Ele também reside numa casa, à Rua Almeida Brandão, pela qual paga aluguel até hoje. "Comecei a trabalhar



Hormindo Souza trabalhou durante 35 anos na fábrica, até 1959

aos 12 anos. Tinha que subir num caixão de gás para alcançar a altura suficiente para manejar o tear.

Esta fábrica deu muito emprego e salário, dá pena hoje ver o que restou", lamenta.